

M 270
Globe 28.9.61

RN 45
O Flum, março 1980

Rubem Braga

LITERATOS

O poeta querendo me confessou:

Eu andava há muito tempo querendo dizer uma porção de coisas àquela mulher. Comecei duas vezes a fazer um poema para lhe mandar, mas não dava certo. Minha inspiração «afogava» como um motor de automóvel.

Ontem sentei-me à máquina e comecei a escrever-lhe uma carta à toda velocidade, quase uma «escrita automática», daquelas surrealistas; fui dizendo ela e de mim tudo o que sentia, sem me importar em ser coerente. Todos os sentimentos confusos que estavam dentro de mim e que eu mesmo não conhecia direito — soltei tudo no papel. Libertei meus demônios...

Senti que se não mandasse a carta imediatamente não teria coragem mais tarde. Assim mesmo, ainda rell depressa, para consertar algum erro de máquina mais grosseiro. Como estava mal escrita a carta! Adjetivos em excesso, imagens vulgares, lugares comuns sentimentais, piegulices. Nem aos 15 anos eu escreveria tão mal!

— E mandou a carta?

— Mandei.

E passando a mão pela cabeça encanecida, com a voz baixa, de quem faz uma confissão:

— Eu estou com 14 anos...

—o—

Acusavam meu amigo escritor de falta de imaginação. E ele respondeu com bom-humor:

— É verdade, tenho muito pouca imaginação. E preciso de toda a que tenho para viver; não sobra nada para os meus escritos.

D N 2.12.67